
EDITORIAL



Carlos Manuel Mendes Dias ()*
Tenente-Coronel Artilharia

Na sequência do último número, parafraseando alguém: cá estou eu de novo, o ...

Entretanto finalizámos um ano lectivo e iniciámos outro. Para os cadetes que tiveram sucesso, que se mantenha a honestidade, a disponibilidade e a perseverança; para os que se deixaram inebriar e foram objecto de insucesso, mas que continuam connosco, que se mantenha a honestidade, a disponibilidade e a perseverança; para os que primaram pela desatenção e reprovaram pela segunda vez, deixaram de estar connosco, mas que mantenham a honestidade, a disponibilidade e a perseverança, porque o mundo, aquele que não mudou nada com o 11 de Setembro de 2001, continua a ser vosso.

Afinal, bem feitas as contas e fazendo jus ao voo da águia, o que mudou?

Para aqueles que pela primeira vez estão na casa mãe dos oficiais do Exército e da Guarda Nacional Republicana, os necessários cumprimentos de boas-vindas e, para não variar, que sejam honestos, disponíveis e perseverantes.

A nossa revista mantém a diversidade habitual, revelando as fraquezas daí inerentes, certamente, mas também não pode deixar de relevar a eventual riqueza subjacente. Somos quase como a União Europeia.

Desde a adaptação de uma intervenção institucional a propósito da transformação do Exército, passando por uma análise da importância na nossa formação, das Ciências Sociais, em geral e da Liderança e do Direito, em particular, apontando em síntese a actividade do Centro de Investigação da Academia Militar e acabando a beber um café com Almada Negreiros, tudo pode ser lido neste número, sem esquecer a participação dos nossos cadetes.

(*) Editor

Cadetes, futuros Comandantes, futuros líderes. Compreendendo o acervo inerente relativo à liderança e ao líder, bem como da sua materialização como campo académico fértil, e verificando da utilização vulgar de expressões como «líder «falhado», «mau comandante» ou da banalização da função de «Comandante» presente nos nossos diferentes quadros orgânicos, não posso deixar de recordar o nobre conteúdo encerrado por detrás do termo «COMANDANTE» e da matéria de Comando e Chefia.

Por mim, estou farto de líderes, quero mais comandantes, e vós, caros cadetes, sentireis o peso da História, no momento que vos for ofertado o símbolo do Comando, uma Espada, que no fundo, no fundo...exige que o vosso comportamento induza, voluntariamente, dos vossos futuros subordinados, a pronúncia vigorosa e sincera da singela expressão: «SIM, MEU COMANDANTE».